

Revista de Teatro

PORTO CÊNICO

Edição nº 02 – Ano 2013 – Itajaí / Santa Catarina / Brasil

ISSN 2177-0115 (Edição Impressa)



Pensamentos Sobre Teatro



Seis Pequenos Monólogos para Mulheres

Afonso Nilson
afonso_nilson@yahoo.com.br

1. A Seleção Natural

Em um jardim florido.

Eu amo flores. Desde pequena eu sempre ajudei minha mãe com elas, tomei amor pela jardinagem. Mexo na terra, enfio meus dedos bem fundo nas covas úmidas, pretas e planto cada sementinha com todo cuidado. Fico esperando sempre que elas cresçam como bebês. E elas crescem, meus bebês. Fico absolutamente maravilhada com o mundo colorido e espinhoso das flores. Algumas têm veneno, e outras um perfume que deixa a gente bêbada. Eu adoro tomar um porrinho de perfume de flores. Ficar bêbada de perfume não é lindo? E eu gosto dos cheiros. Gosto de homens cheirosos, sobretudo. Não muito cheirosos, o suficiente para não concorrer com o meu jardim. Mas engraçado, de receber flores eu não gosto. Quando eu penso que só pra me ver sorrir alguém matou tantos botões eu fico louca de raiva. Mas não muito, não sou dada a esses excessos. Sou uma moça muito gentil, como vocês podem perceber. E eu não sei o porquê dessas perguntas todas. É como se vocês achassem que eu sou alguém que eu não sou. E eu sou tão simples, tão eu mesma, tão minha, tão pequena, tão fresca e delicada como uma gota de orvalho numa pétala. Sinto que posso até evaporar de tão insignificante. E é por isso que eu não entendo essa desconfiança toda de vocês. Vocês acham o quê? Que eu poluiria o meu jardim com sementes do ódio? Nunca, não devemos ter

ódio. O ressentimento é uma coisa bastante ruim. Eu sempre penso, e sei que é assim, não devemos sofrer. Devemos cortar o mal pela raiz. Entenderam? Cortar o mal pela raiz. De um golpe só, como quem arranca um fruto, ou dois frutos. O mundo é cheio de excessos, e eu sou simples como néctar, deixo o mundo se alimentar de mim para que em algum lugar, no futuro haja mel. Não é bonito isso? Eu não entendo essa desconfiança. Se meu marido foi embora, o que é que eu posso fazer? Tudo bem. Meus maridos, meus dois lindos maridos. Mas vocês sabem, as coisas não dão sempre certo. O mundo desaba em nossa cara quando ficamos velhos, é inevitável. Eu sei que sou jovem ainda, mas eles achavam que eu não era jovem o suficiente. Eu acho que foi isso, pelo menos. Não tenho culpa se eles desapareceram sem deixar vestígios. As pétalas somem ao vento, o odor das pétalas desaparece na primeira brisa, por que meus maridos não poderiam ter o mesmo fim, e desaparecer como se jamais tivessem existido? É tão lindo, tão poético desaparecer. Eu também iria querer desaparecer como um perfume que se perde no ar. Sem marcas de espinhos, sem a folha seca de meu corpo apodrecendo no solo úmido de meu jardim. Eu amo esse jardim. E o que vocês querem nunca irá acontecer. Vocês sabem com qual adubo

eu deixo belas as minhas flores? É com o meu suor. O suor dos meus dedos, que se enfiam nos buracos mais negros de minha terra úmida. E vocês, nunca, nunca vão fazer o que pretendem. Não há razão no mundo que permita a atrocidade que vocês pretendem. Esse jardim não é apenas o meu refúgio, meu trabalho, a minha paixão, consolo, paz e alegria, é a minha vida. Conheço cada pétala, cada espinho, cada odor... Não! Nunca permitirei. Eu sempre amei meus maridos, sempre fui doce, gentil. Sempre cedi a todas as suas vontades. Aqui, nessa terra úmida, eu me entreguei tantas e tantas vezes. Espetávamos nos espinhos das rosas, e eu não soltava um pio quando em volúpia quebrávamos uma folha, um galho, um vaso. Eu era exemplar, o modelo da humildade, da resignação, da submissão até. Eu aceitava tudo com amor, desde que minhas flores continuassem sempre aos meus cuidados. Desse jeito eu conseguia os amar do jeito que eram. Amava inclusive a brutalidade, a inconsciência, o cheiro de carne de homem, sua aspérea como um toco de madeira recoberto de musgo. Eu acariciava esse musgo espesso de suas coxas, mordida a madeira nodosa de seus braços. E gemia doce como uma virgem. Gemia como se fosse uma flor com voz, onde abelhas ávidas de néctar me penetravam com suas patas, seu ferrão. Mas nem todo mundo gosta de tanta doçura todos os dias. E eu, não por querer, não tenho como evitar, eu sou assim, um doce. Gentil, gentil, gentil até o desespero, até o horror do amor excessivo, subserviente, espesso e colorido como o mel, ou a lama. E agora, depois de tudo isso, vocês vêm me dizer que... Vocês chegam aqui e me acusam de... Não posso nem pronunciar tal barbaridade. É um insulto a presença de vocês nesse santuário que é o meu jardim. Limpem os pés para pisar nessa terra santa. Vocês têm noção do quão milagroso é o brotar de uma flor? Do quanto eu sofro para que cada espinho defenda sua rosa? E vocês vêm me dizer que... Vocês não entendem nada. Não sabem de nada do meu jardim. Eu jamais iria poluir essa terra abençoada com o pecado daqueles corpos. Nunca! Seria imoral... E quando eu digo corpos quero dizer sobre a possibilidade daqueles corpos nos sulcos de minhas sementes. Eles como adubo não dariam mais que ervas daninhas. Sim, eu os amava. Mas quantas pessoas amam plantas carnívoras, cactos, flores venenosas, serpentes e insetos, e ainda assim são boas pessoas? Eu era assim,

os amava como insetos. Como insetos polinizadores. Mas nem disso eles eram capazes. Onde está o pólen em minha barriga vazia de brotos? Vamos, me digam? Eu sou jovem, mas vocês sabem, até as flores tem seu tempo. E meu tempo zunia como um zangão pronto para ser morto pela rainha. Cadê o meu pólen? Eu gritava para eles. E eles só faziam me inundar de seus visgos inférteis. O que fazer? Eu precisava de mais pólen para os sulcos de minhas pétalas. Eu queria uma semente que nenhum deles conseguiu me dar. O que vocês queriam que eu fizesse? Que não deixasse o broto de minha existência para o jardim do mundo? E eu ainda preciso disso. Eles foram embora, desapareceram como exemplar inapto para a evolução da espécie. Posso dizer que foi sim, obra da seleção natural. São as leis da natureza. Sem deixar vestígios, como se nunca tivessem existido, meus homens inférteis evaporaram como o orvalho no primeiro sol da manhã. É bonito pensar assim. Que seu desaparecimento foi em prol de um futuro repleto de indivíduos mais capazes. Eu não tive nada com isso, não sou responsável. Foi uma ação da natureza, pelo desenvolvimento da espécie. Nós também somos como um jardim. Um jardim muito mal cuidado, mas mesmo assim um belo jardim. O mundo deveria me agradecer pelo meu talento em deixar florescer apenas as melhores sementes. Podar, cortar os ramos secos para uma florada melhor, esse é meu talento. Vocês deveriam me agradecer por eu tornar esse imenso jardim um lugar mais propício para beleza, para perfeição, para flores e sementes cada vez melhores. E não me ameaçar com suas desconfianças, como se eu fosse capaz de contaminar minhas flores com aqueles músculos incapazes de gerar uma semente. Vocês nunca, mas nunca vão tocar no meu jardim com essas, essas, essas ferramentas monstruosas. Mas o quê? Parem! Larguem essas pás! Não, ninguém irá tocar em minhas flores. Vocês vão ter que cavar antes em mim. Cavem em mim! Larguem isso! Saiam do meu jardim! Me soltem! Tirem essas mãos de galhos secos de mim! Parem! Não! Não! Minhas flores, não! Minhas flores! Minhas flores...

*Afonso Nilson Barbosa de Souza, dramaturgo e produtor cultural, mestre em teatro pela UDESC, analista de programação social do SESC Santa Catarina.